

## Da linguagem não verbal à língua de sinais

*From non-verbal language to sign language*

### Ana Lúcia Nascimento

Mestre em Letras e Ciências Humanas. Psicopedagoga. Especialista em Estimulação Essencial e Desenvolvimento Infantil. Professora aposentada da Educação Precoce – INES. Cursando: Formação Psicanalítica e Psicanálise Infantil.

E-mail: nascimento.lucia2004@ig.com.br

Artigo recebido em 29 de maio de 2013 e selecionado em 15 de agosto de 2013

### RESUMO

As primeiras relações da criança e as aprendizagens que se concretizam nesse contexto ocorrem por intermédio da linguagem não verbal. Assim, procuramos compreender as etapas do desenvolvimento linguístico da criança surda. Na Educação Precoce do INES algumas delas nos permitiram observar que a Língua de Sinais possui todos os elementos organizadores de uma língua; que o bebê surdo tendo aquela como sua língua materna apreende naturalmente as regras, os conceitos e sobretudo a cultura de seu grupo social. Apresentaremos o caso de três crianças com diferentes idades. O atendimento pedagógico considerou as etapas do desenvolvimento infantil, com ênfase na área da comunicação, com uma abordagem bilíngue. Também acompanhamos uma surda grávida, pois podemos observá-la no desenvolvimento da maternagem, durante a gestação e, após o nascimento, nos cuidados com seu bebê. Esses casos mantêm a lógica do desenvolvimento linguístico.

**Palavras-chave:** Educação Precoce. Linguagem não verbal. Língua de Sinais.

### ABSTRACT

*The first child relationships and learning processes that materialize in this context occur through non-verbal language. So, we try to understand the stages of language development of deaf children. In the Premature Education, of INES, some of them allowed us to observe that the sign language has all the elements found in other organizers; the baby and the deaf sign language as their mother language seizes the rules, concepts, and above all the culture of your social group, of course. We will present the case of three children, with different ages. The pedagogical ser-*

*vice considered the stages of child development, with an emphasis in the area of communication, with a bilingual approach. Also, we will bring a fricative pregnant, because we can observe it in the development of parenting, during pregnancy and after birth, in the care of her baby. These cases keep the logic of language development.*

**Keywords:** Premature education. Nonverbal language. Sign language.

### INTRODUÇÃO

As primeiras relações da criança em seu ambiente e as aprendizagens que se concretizam nesse espaço ocorrem, inicialmente, por meio da linguagem não verbal. Portanto, sendo aquisições pertencentes ao mundo infantil, todas as crianças estariam incluídas nesse processo. Sobre isso Winnicott (1983, p. 92) afirma que a “aprovação ou desaprovação podem ser transmitidas ao surdo e ao lactente em um estágio muito anterior de se ter iniciado a comunicação verbal”. Partindo dessa afirmação, procuramos compreender como a criança surda passa pelas mesmas etapas do desenvolvimento linguístico que as crianças ouvintes, tendo como meta a apropriação de uma língua, seja ela de sinais ou oral.

Em nosso trabalho com crianças surdas de até 3 anos de idade e na relação com seus familiares, acompanhamos algumas que nos permitiram observar aquilo que vários teóricos apontam em seus estudos: a Língua de Sinais (Libras), com sua característica de universalidade, possui todos os elementos organizadores de qualquer outra língua oral. Sobre isso, Quadros (2006, p. 13) afirma que a Libras apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas, tendo sido criada pelos próprios surdos e, portanto, considerada um sistema linguístico, legítimo.

O bebê surdo que tem a Língua de Sinais como sua língua materna apreende as regras, os conceitos e, sobretudo, a cultura de seu grupo social, naturalmente, da mesma maneira e nos mesmos períodos em que uma criança ouvinte apreenderia a sua: por intermédio da linguagem não verbal. Para Quadros (*idem*, p. 20) a Língua de Sinais vai ser adquirida por crianças surdas que tiverem a experiência de interagir com usuários dessa língua. Desse modo, a criança surda, filha de pais ouvintes, teria de ter um surdo adulto para apresentá-la ao modelo dessa língua, pois, na maioria das vezes, seus pais desconhecem essa língua.

Para maior compreensão desse tema apresentaremos o caso de três crianças surdas, filhas de pais surdos, em diferentes etapas do desenvolvimento linguístico. A primeira iniciou o atendimento conosco aos 3 meses de vida, ficando até 9 meses, quando terminou o ano letivo. A segunda, com 5 meses, ficando até 1 ano e 4 meses de idade. A terceira com 1 ano e 9 meses, ficando até 2 anos e 4 meses de idade. Tais crianças foram atendidas por nós no ano letivo de 2011. Cada uma delas nos demandou um planejamento pedagógico específico, sendo única em sua história de vida e suas necessidades linguísticas.

Na Educação Precoce do INES todos os atendimentos feitos com crianças de 0 a 3 anos de idade ocorriam de modo individual e na presença de seus responsáveis. Esses atendimentos tinham duração de 45 minutos, duas vezes por semana. O atendimento pedagógico considerou as etapas do desenvolvimento infantil, com ênfase na área da comunicação, com uma abordagem bilíngue. Essas crianças tinham em comum o fator genético como causa da surdez. Seus pais percebiam o mundo de forma visuoespacial, portanto estavam inseridos em um ambiente cultural que se diferenciava do da pessoa ouvinte. Sobre isso, Quadros (*ibidem*, p. 14-15) enfatiza em seus estudos que, por ser uma outra maneira de organizar o pensamento e a linguagem, o ambiente cultural do surdo muitas vezes pode ser ininteligível para o ouvinte que usa uma língua oral-auditiva. Também será estudado o caso de uma surda grávida que foi acompanhada no desenvolvimento da maternagem, durante a gestação e após o nascimento do bebê nos cuidados dispensados a ele.

Esses casos serão apresentados de acordo com uma lógica do desenvolvimento linguístico, tendo a linguagem não verbal como ponto de partida. Com esse propósito, estaremos tratando de bebês com surdez neurossensorial, profunda ou severa e pais com esse mesmo tipo e graus de perda auditiva. Sua característica é a não percepção da voz humana, todavia podendo perceber o mundo sonoro pela vibração e pela escuta de alguns sons mais graves, o que não garante a compreensão de todos os sons da fala humana.

## A CRIANÇA SURDA

De acordo com as estatísticas, crianças surdas, filhas de pais surdos, representam apenas 5% desse universo. As crianças filhas de pais ouvintes representam 95%. Essa maioria, muitas vezes, não domina ou nem mesmo chega a adquirir a Língua de Sinais em um período precoce, portanto não adquirem o modelo linguístico no momento considerado ideal para a aquisição dessa habilidade. Fernandes (1993, p. 66) afirma que “as línguas podem ser orais-auditivas ou espaço-visuais”. Essa afirmação nos possibilita compreender que a língua materna das crianças surdas, filhas de pais ouvintes, considerando-se que a comunicação entre eles se realizaria de modo oral-auditivo, não contemplaria as necessidades linguísticas de seu filho surdo. Fernandes acrescenta, também, que existe uma dupla função da língua: sua relação comunicativa e a função de “portadora e responsável pelo desenvolvimento de alguns processos psicológicos mais complexos” (FERNANDES, 1993, p. 14). Assim, mediante o que foi abordado anteriormente, a criança que não domina uma língua tem seu desenvolvimento global comprometido, tanto em qualidade quanto em quantidade.

A importância da Língua de Sinais para uma criança surda é reafirmada por Fernandes e Correia (2008, p. 23) ao se constatar que a “Língua de Sinais como sistema simbólico” é a língua que melhor traduz “os processos de percepção e apreensão da experiência da criança surda”, principalmente por ser representada “através de signos de natureza gestual, espacial e visual” e, portanto, sendo possível essa criança adquiri-la de modo natural. Esses autores seguem dizendo que “embora nem todos os processos mentais sejam realizados através do mecanismo linguístico, o fato é que a ausência da linguagem provoca, no desenvolvimento geral dos processos cognitivos, alguma alteração significativa” (*idem*). Fica claro nessa afirmação que a criança surda necessita de um código linguístico que auxilie seu desenvolvimento cognitivo, bem como para circular em seu ambiente cultural, plenamente, apreendendo de maneira natural o mundo infantil. Nosso propósito é compreender como a criança surda que tem esse modelo, desde o nascimento, pode adquiri-la no momento mais propício e com toda a complexidade de uma língua.

## LÍNGUA E LINGUAGEM

Tanto em uma escala filogenética quanto na ontogenética o homem passa por três momentos da comunicação: o grito, o gesto de apontar e a palavra. Lacan (*in* COSTA, 2011, p. 63) ressalta que o choro do bebê marca um momento de tensão na hora do nascimento. Assim, para esse autor, o choro é concebido como uma descarga, mas logo em seguida se transforma em um

apelo, quando o outro assim o traduz. Lacan prossegue afirmando que “a partir daí, a criança entra no mundo da linguagem, entra no campo da fala, mesmo que ela ainda não fale, e até mesmo que seja surda”.

Fernandes (1999, p. 64) faz uma diferenciação entre língua e linguagem, afirmando que, na Língua Portuguesa, linguagem se refere à qualquer meio de comunicação. Desse modo, a linguagem corporal; as expressões faciais; as reações do organismo ou, a comunicação dos animais; os sinais de trânsito; a música; a pintura, enfim, todos esses meios de comunicação se referem à linguagem. Para essa autora (*idem*), o conceito de língua se diferencia por se tratar de um sistema abstrato de regras gramaticais. Nesse sentido, tais regras têm sua estrutura identificada “nos seus diversos planos – dos sons; da estrutura; da formação e das classes de palavras; das estruturas frasais; da semântica; da contextualização e do uso”. Vale ressaltar então que a Língua de Sinais possui todos esses elementos estruturantes, porém de modo visuoespacial.

No entanto, o domínio de uma língua é extremamente complexo. Assim, em um período anterior, os bebês exigem que outros elementos do vasto campo da linguagem sejam considerados e trazidos para o primeiro plano. Na “fala” de bebês e crianças pequenas, incluindo aqui as crianças surdas que ainda não possuem uma língua estruturada, são utilizados os aspectos da linguagem não verbal para se comunicar e que se realizam pela prosódia e pelos aspectos visuais; olfativos; gestuais; táteis (PARLATO-OLIVEIRA, 2010, p. 126). Nessa “fala” inicial estão incluídos os elementos sonoros, no entanto, para bebês e crianças, surdas, são excluídos, ficando apenas sua vibração, dependendo de sua fonte e localização.

Nesse ponto, é necessário trazer para esse estudo que a palavra tem como oposição o silêncio. Porém, Lacan afirma que o silêncio porta a palavra, e em uma comunicação silenciosa muitas palavras são ditas. Assim, compreendemos que há necessidade de alguém que “escute” essas “palavras” e que as traduza como instrumento de conhecimento, de criação e de afeto. Desse modo, propomos uma reflexão sobre o silêncio, também, como a afirmação de um diálogo entre mãe surda/bebê surdo.

## ELEMENTOS DA PROSÓDIA

Inicialmente, vamos destacar a prosódia em um contexto de oralidade. Segundo Boysson-Bardies (1999, p. 17), “a prosódia caracteriza a organização melódica e rítmica da cadeia falada”. Em sua função linguística ela marca as fronteiras sintáticas, os contrastes fonológicos e distingue as modalidades da frase, indicando, por exemplo, se são frases interrogativas, exclamativas ou assertivas. Além disso, existem as funções não linguísticas, tais como estados afetivos e modalidades de hu-

mor, com os tons amistoso ou zangado. Essas funções ajudam a interpretar o discurso de ironia ou seriedade e facilitam a conversa. Nessa linha de pesquisas, Boysson-Bardies (*idem*) afirma que os bebês de algumas horas de vida preferem escutar a voz da mãe a outros sons.

Por que a voz da mãe? Durante a gestação as mães dirigem sua voz para o bebê tornando-se familiar, por ser constante. Tal som é ouvido pelo bebê durante uma boa parte do tempo. A voz da mãe é então marcada por alguns elementos que a destaca da voz de outras mulheres, portanto, o ritmo, a cadeia melódica e o timbre são marcas da comunicação mãe/bebê, sendo reconhecidos por ele logo após o nascimento. Desse modo, mencionamos mais uma vez os estudos de Boysson-Bardies, afirmando que, para o recém-nascido, a palavra consiste em sons para os quais ele possui sutis mecanismos de discriminação. Segundo este autor,

Quando falam com bebês, os adultos se propõem em primeiro lugar a estabelecer um contato afetivo e solicitar vocalizações. Suas ‘primeiras’ mensagens vocais destinam-se a captar a atenção da criança: os olhos e a boca atraem a atenção dos bebês de forma especial; recém nascidos de três dias podem ficar ‘hipnotizados’ pelos movimentos da boca durante vários minutos (*ibidem*, p. 22).

Todavia, na interação mãe surda/bebê surdo, podemos observar que a prosódia também está presente, com exceção dos elementos sonoros. Nessa diáde as expressões faciais, o olho no olho, o sorriso, os movimentos labiais e o toque, a temperatura do corpo e o tônus muscular de sua mãe estarão transmitindo todo o conteúdo da língua materna, a Língua de Sinais. Todos esses elementos estarão contribuindo para que o bebê reconheça nela suas intenções emotivas e comunicativas.

Na Língua de Sinais a direção do olhar, o sorriso, os movimentos dos lábios (mesmo sem falar os surdos podem emitir sons, sem significado compreensivo para os ouvintes, durante a comunicação) e o movimento de cabeça de negação ou não marcam O QUE É comunicado, com suas ações e intenções. Além disso, nessa comunicação a pele e o tônus muscular (principalmente quando o bebê está no colo da mãe ou cuidador) marcam tensões ou não. Assim, podemos reconhecer todos os elementos da prosódia, exceto a fala, como parte constituinte da Língua de Sinais.

## COMUNICAÇÃO PRÉ-NATAL

O vínculo mãe/bebê tem início antes mesmo da gravidez: pelo desejo, consciente ou inconsciente, de se ter um filho. Quando menina, com a boneca no colo, segurando-a com cuidado e carinho a menina pode estar ensaiando um futuro. A boneca, durante a brincadeira,

transforma-se em criança e a criança em mãe. Algum tempo depois, aquela menina que brincava de bonecas se transforma em mulher e concebe. Em seus olhos toda a magia e ternura que foram sendo construídas em uma brincadeira, dando lugar ao bebê imaginário, agora, realizam-se diante do bebê real. Não existe mais a menina com a boneca no colo. Não é mais um *faz de conta*. A brincadeira de boneca é revivida em sua memória celular ao entrar em contato com a maternidade.

Desse modo é que tivemos o prazer de compartilhar, com uma grávida surda, o atendimento de bebês e crianças surdas. Durante a gravidez, suas emoções se modificavam a cada instante enquanto seu corpo se desenvolvia. Ela dizia que sabia cuidar de um bebê porque sempre cuidou de seus sobrinhos. Essa é uma das formas com as quais se aprende a maternagem. Ao saber da gravidez, procurou o acompanhamento médico e iniciou o pré-natal. Muitas vezes, voltava com dúvidas porque o médico não a havia compreendido nem ela havia compreendido as orientações dele. Nesses momentos buscava apoio das pessoas próximas e que conheciam a Língua de Sinais ou tinham paciência para ouvi-la em sua fala não muito clara. Ao perder a audição, ainda na infância, foi para uma escola regular. Comunica-se falando e por meio da Libras. Faz leitura labial, mas, dependendo do contexto, pode não compreender seu interlocutor.

Ela demonstrou estar muito feliz com a gravidez, porém não escondeu suas preocupações e angústias que, mesmo sendo em parte reais, ganharam uma proporção maior pelo próprio estado da gravidez. Desse modo, “cuidava” de seu bebê, principalmente, com uma dieta saudável e mantendo uma vida moderada. “Conversava” com ele alisando a barriga e às vezes falando. Como não ouvia sua voz, o tom era mais alto que o normal para uma conversa. Em um período mais avançado da gravidez acompanhava os movimentos do bebê e nos dizia se eram mais ou menos intensos; se o bebê estava calmo ou agitado. Às vezes, reclamava das incômodas posições que o feto escolhia para ficar. Quando perguntei se ela falava muito com seu bebê ela me disse que conversava o tempo todo com ele e que “falava” dentro de sua cabeça também. Ou seja, por meio do pensamento.

Sobre esse tipo de comunicação entre a mãe e o feto, Busnel (2002, p. 312) afirma que a frequência e o ritmo cardíacos de fetos e recém-nascidos se modificam desacelerando quando suas mães se comunicam com eles por pensamento. Segue dizendo que “o pensamento que está atrás da palavra é mais importante que a palavra em si, mas estatisticamente os fetos respondem de forma semelhante à comunicação silenciosa ou falada pela mãe, porque atrás de ambas existe o pensamento dela endereçado a ele”. Essa pesquisa se torna relevante quando se trata de mãe sur-

da, uma vez que ela poderá estar impedida de usar sua voz, no entanto, suas emoções serão comunicadas ao seu bebê, silenciosamente.

Além disso, o feto não “ouviria” a voz da mãe, no entanto estaria percebendo as vibrações de suas cordas vocais. Todavia, considerando-se que o bebê de nossa grávida é ouvinte, fato esse comprovado pelo exame de Emissões Otoacústicas Evocadas, ou “Teste de Orelhinha”, provavelmente, foi possível ouvir todos os sons do ambiente interno e externo ao útero materno, inclusive os sons da voz de sua mãe. O fato dele ter a audição preservada se justifica porque seus pais ficaram surdos durante seus primeiros anos de vida, ou seja, todos dois nasceram ouvindo e não há histórico de surdez na família, descartando-se por completo a possibilidade de surdez hereditária, ou seja, se eles tivessem outros filhos, eles seriam ouvintes também.

Quando o bebê nasceu, a mãe se ausentou pelo período de licença-maternidade. Retornou quando seu filho completou 4 meses, com o fim da licença. Observamos que transferiu para ele os mesmos cuidados e ternura que tinha com as bonecas, ao brincar com as crianças na intenção de expô-las ao modelo da Língua de Sinais. Em suas brincadeiras segurando uma boneca apresentava o sinal daquele brinquedo para a criança, todavia em suas ações estavam incluídas todas as formas de maternagem e cuidados para com um bebê de verdade. Assim, a criança surda ia adquirindo o conceito da palavra com toda uma cultura criada dentro de relações humanas e passadas de geração a geração.

Essa surda amamentou seu filho durante os primeiros meses e disse que gostou da experiência. Ela conversava muito com ele, principalmente, na hora da amamentação e da higiene. O *manhês* estava presente e a criança reagia emitindo vocalizações e fazendo movimentos com as perninhas. Esse fato pôde ser observado durante algumas vezes em que levou a criança para o trabalho. Temos aqui um exemplo da importância da linguagem não verbal para o desenvolvimento global do bebê e, principalmente, para a aquisição da língua materna. No caso de uma criança ouvinte, filha de pais surdos, tão logo venha compartilhar experiências linguísticas do modelo oral-auditivo, geralmente dentro do próprio núcleo familiar, torna-se bilíngue, circulando livremente nas duas línguas.

Com o caso dessa grávida gostaríamos de sinalizar que a mãe surda passa pelas mesmas angústias e prazeres de todas as mulheres que vivenciam esse período. Portanto, inserem-se nas afirmações de Winnicott (2006, p. 30) sobre as mães se prepararem para sua tarefa bastante especializada durante os últimos meses de gravidez. Segundo esse psicanalista, elas desenvolvem uma capacidade surpreendente de identificação com o bebê,

o que lhes possibilita ir ao encontro das necessidades básicas do recém-nascido, de modo que nenhuma máquina pode imitar, e que não se pode ser ensinada (*idem*, p. 30). Essa observação pode ser feita em outra diáde em que a surdez não se tornou um fator de impedimento para as primeiras experiências linguísticas rumo à aquisição da língua materna. Mais uma vez a prosódia se apresentou como um elemento constituinte da Libras.

## COMUNICAÇÃO PÓS-NATAL

A identificação da mãe com seu bebê faz com que passem a usar uma comunicação especialmente particular. A *motherese* ou, *manhês*, tradução aproximada para o português, marca uma maneira exagerada de modular a voz em presença de uma criança pequena, além de utilizar expressões faciais exageradas (contato dos olhos, levantamento de sobrancelhas, grandes sorrisos), assim como movimentos rítmicos do corpo ou ajustes de posturas (pegar no colo, aproximar o rosto), que focalizam a atenção do bebê, acentuam seu interesse e fazem-no preferir esse modo de comunicação (BOYSSON-BARDIES, 1999, p. 21). Para exemplificar esse momento nos reportaremos a um bebê surdo que iniciou o atendimento conosco aos 3 meses de vida e ainda era amamentado, exclusivamente. Portanto, em diferentes momentos, tivemos que interromper nossas brincadeiras com ele para que sua mãe, também surda, o aconchegasse em seu colo. Essa postura favorecia a situação apontada por Montagner, sendo que para ele:

A aproximação cria um espaço reduzido da comunicação no qual a mãe pode focalizar a atenção do bebê sobre seu olhar e seu rosto, e otimizar assim suas mensagens, ao mesmo tempo em que o bebê pode tornar claramente perceptível e funcional sua capacidade de atenção visual sustentada (MONTAGNER, 2002, p. 392).

Em um diálogo silencioso o que nos chamava a atenção, nesse caso, foi a troca de olhares que prevalecia, entre ambos. Além disso, havia o toque da mãe que em movimentos suaves demonstrava o ritmo e a “canção” nesse instante de intimidade. Ora a mãe segurava aquela mãozinha entre a sua ora aquela mãozinha tocava o seio da mãe e a outra acariciava suas costas. Sempre modelado pelo olhar da mãe, pelo seu sorriso e toda uma expressão facial que traduzia um extenso/intenso diálogo silencioso, mas, sobretudo, um banho de Língua de Sinais. Os lábios da mãe se movimentavam e os olhinhos de seu bebê ora faziam o contato olho no olho ora pousavam naqueles lábios que se moviam. Esse momento mágico é vivenciado por todas as crianças, porém, na relação mãe surda/bebê surdo, ganha destaque.

Para Montagner (*idem*, p. 392), o contato olho-no-olho induz a comportamentos, vocalizações e produções de linguagem sendo considerada uma comunicação multicanais. Portanto, importantíssimo para o surdo. Todos que passavam pelo local em que a mãe estava amamentando seu bebê não ousavam interromper esse estado sublime. A mãe, pacientemente, deixava que o bebê saciasse sua fome de leite e de carícias. Em alguns atendimentos, após a mamada, o bebê retornava para a sala de aula e, depois de alimentado e acariciado pela mãe, continuava a brincar. Em outros, o bebê acabava dormindo no peito da mãe, interrompendo, assim, o trabalho daquele dia. Não nos importávamos porque sabíamos ter sido produtivo para a relação mãe/bebê. Esse era um outro objetivo do trabalho com bebê e criança pequena.

O tempo foi passando e o bebê entrou em outra fase, porém esse diálogo continuou. Passou a emitir alguns sons imitando sua mãe, que brincava com ele fazendo um movimento de lábios e tirando grandes sorrisos de seu bebê que, sacudindo as pernas e todo o corpo, demonstrava estar gostando da brincadeira. Sua avó materna, que era ouvinte, fazia as mesmas brincadeiras e a avó paterna, que era surda, também. Brazelton e Greenspan (2002, p. 24) afirmam que “as interações emocionais são a base não apenas da cognição, mas da maioria das capacidades intelectuais de uma criança, incluindo sua criatividade e as habilidades de pensamento abstrato” (*idem*, p. 25). Esses autores afirmam que:

As emoções são na verdade os arquitetos, os condutores ou os organizadores internos de nossas mentes. Dizem-nos como e o que pensar, o que e quando dizer e o que fazer. Nós ‘aprendemos’ coisas através de nossas interações emocionais e então aplicamos aquele conhecimento ao mundo cognitivo. (BRAZELTON; GREENSPAN, 2002, p. 26).

De acordo com esses autores (*idem*, p. 27), por meio das interações contínuas é que o adulto poderá “ler e responder aos sinais do bebê”. Para eles entre o segundo e terceiro mês de vida, um bebê e um pai, ambos, terão passado por três níveis de aprendizagem. No **nível I** (1-3 semanas) o pai aprende a ajudar o bebê a se manter em estado de alerta. No **nível II** (3-8 semanas), a partir desse estado de alerta, o bebê produzirá sorrisos e vocalizações que serão respondidos pelo adulto. E no **nível III** (8-16 semanas) esses sinais são reproduzidos em “jogos” mediante vocalizações e/ou sorrisos, imitados pelo adulto, reproduzidos, por sua vez, pelo bebê. Esses autores concluem que “ritmo e reciprocidade são aprendidos nesses jogos” e que “por volta dos quatro meses, o bebê terá aprendido a ter o controle do jogo e a guiar o pai neles”. Mais adiante, com 18 meses, as crianças são excelentes leitoras de indícios não verbais. Porém, o ponto mais significativo diz respeito ao fato de que a capacidade de ler e responder a esses indícios

possibilita que a criança aprenda muito cedo a socializar-se (*ibidem*, p. 126). Isso foi observado na sala de aula, com o bebê que trouxemos para esse estudo, pois podemos observar todas essas etapas vivenciadas por ele, durante o período em que esteve conosco.

Essa relação do bebê com seus familiares viabilizou várias experiências que, sendo a base para a aquisição de uma língua, por volta de 2 anos de idade, era a certeza de que, ao ingressar nessa fase, aquele bebê estaria pronto para se comunicar em Língua de Sinais. Ele estava desenvolvendo, naturalmente, a atenção visual, tão importante para compreender e se expressar em sua língua materna, assim como, gradativamente, reconhecendo seu corpo com as partes que o compõem, construindo, com isso, o conceito Eu/Outro necessário para a constituição do sujeito. Tais experiências eram significadas pelo bebê quando sua mãe lhe acariciava a cabeça, o rosto, as mãos e as pernas, enquanto o amamentava e em diferentes momentos de interação. Aprendizagem de extrema relevância, já que o olho no olho e as expressões faciais são elementos fundamentais da comunicação, em qualquer língua, sobretudo na Língua de Sinais. De acordo com Quadros (2006, p. 21) são marcas não-manuais que podem apresentar funções gramaticais, portanto, imprescindíveis nessa língua. Quando se observa um falante da Língua de Sinais, fica clara a relevância das expressões faciais para contextualizar o conteúdo da comunicação e da atenção visual, sobretudo para a compreensão do discurso.

Um fato que sempre nos chamou atenção nesse caso foi de que quando uma pessoa ouvinte se dirigia ao bebê utilizando a fala sua atenção visual voltava-se para aquela pessoa, pois a avó materna sempre se comunicou com a neta nessa modalidade linguística. No entanto, quando um dos surdos ou vários deles se encontravam no mesmo ambiente e se dirigiam ao bebê em Libras ou conversando entre si o bebê automaticamente voltava sua atenção para aquele grupo. Esse fato nos fez compreender que a Libras era reconhecida pelo bebê como sua língua materna. Laznik (2011, p. 96) afirma que “os bebês distinguem entre sua língua materna e uma outra língua e preferem sua língua materna”. Nesse caso a preferência foi pela língua visuoespacial, utilizada na interação mãe/bebê.



Eros, 9 meses – atenção visual.

## DO GESTO DE APONTAR À LÍNGUA DE SINAIS

Essa atenção visual bem desenvolvida nos chamou a atenção em outro bebê que chegou para ser atendido por nós com 5 meses de vida. Ainda não sentava sozinho, mas chorava muito demonstrando desprazer quando o adulto, ao colocá-lo no colo, não lhe segurava na postura em pé. Sua mãe logo nos alertou de que seu filho gostava de ficar nessa posição porque as-

sim poderia participar da movimentação do ambiente. Era uma criança extremamente risonha; ia no colo de todos e aprendeu a piscar os olhos em um movimento muito rápido, conquistando todas as pessoas que estavam em torno dela. Sua mãe dizia que o bebê estava “namorando” as pessoas. Esse fato deixou claro que o bebê estava imitando as expressões faciais que via porque essa era uma brincadeira feita entre ele e seus familiares. Um exemplo do bom desenvolvimento cognitivo desse período de vida.

Durante um dos atendimentos, a professora solicitou que a mãe brincasse com seu bebê. Como ele naquela época ainda não se sentava, o atendimento foi realizado em um colchonete, no chão, entre alguns brinquedos, próprios para que o bebê pudesse colocá-los na boca. Como o bebê gostava de pegar um brinquedo em forma de picolé, sua mãe o escolheu para brincar. Colocou-se bem próxima de seu filho e começou a buscar dele um sorriso. Ali, iniciou-se um *manhês*, em Libras. A mãe começou a fazer o sinal que indicava a palavra picolé. A mãe balançava o corpo em um ritmo que indicava o movimento de suas mãos, como se estivesse lambendo aquele picolé, ao mesmo tempo em que emitia a palavra. Como era oralizada, também falava com seu bebê. Ele alimentava esse diálogo balbuciando e ela, apresentando o sinal daquele objeto em um “tom” de brincadeira. O bebê balbuciava e fazia fortes movimentos com o corpo. Parecia pedir que a mãe repetisse a brincadeira “mais uma vez”. O que podemos observar é uma comunicação multimodal. Catão (2011, p. 202) afirma que “o *manhês* é a invocação que a mãe faz ao bebê. Se ela é bem sucedida, o bebê começa a produzir sons denominados de vocalizes e balbucios proprioceptivos, que podem ser datados entre zero e seis meses”.

Nesse período a criança surda, também, tem essas produções, sendo mais um elemento que pode ser iden-

tificado em Libras. No entanto, alguns meses depois, o bebê surdo vai deixando de utilizar as *vocalizes* e os *balbucios proprioceptivos* por não ouvir sua própria voz, faltando-lhe o *feedback* auditivo. E esse elemento pode ser explicado por Catão (*idem*) como um fato ligado ao processo de apagamento das células que não são utilizadas pelo bebê. No caso do bebê surdo, talvez, essas células já tivessem sido apagadas com a própria surdez ou porque, impossibilitado de ouvir aqueles sons específicos, houve realmente o apagamento natural das células específicas da discriminação auditiva. Para a autora, entre os 6 e os 18 meses, “o bebê vai perdendo a possibilidade que tinha inicialmente de vocalizar todos os fonemas” e a partir de então passa a “selecionar” aqueles que são utilizados em sua língua materna.

Como essa mãe apresentava uma perda auditiva profunda, ela nos dizia ter consciência de que o filho estava emitindo sons, no entanto não podia ouvi-lo. Dizia-nos que gostaria que o filho fosse bilíngue, ou seja, utilizasse tanto a Língua de Sinais quanto a Língua Portuguesa, na modalidade oral. Entretanto, ela passou a utilizar muito mais a Libras com seu filho, além de não colocar mais o Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI), dizendo que o bebê não queria; não gostava. Sobre isso, apontamos para os pais por meio da audiometria os ganhos que a criança poderia obter em termos auditivos, no entanto compreendemos que essa é uma escolha da família e respeitamos sua decisão.

Alguns meses depois, a criança passou da postura deitada para a sentada. Por volta de 10 meses de idade começou a ficar em pé, apoiando-se nas pessoas e nos objetos. Ele demorou a andar porque seu desenvolvimento motor foi comprometido desde o início (algumas crianças surdas que atendemos, segundo a fala das mães, apresentavam um grau de hipotonia ao nascer). Como essa criança, ainda se desequilibrava, não se sentia confiante para se soltar dos objetos e das mãos das pessoas para caminhar sozinha. Quando queria se deslocar para outros espaços o fazia na posição de gatinhas. Durante esse período passou a usar o gesto de apontar para os brinquedos e pessoas de seu interesse.

De acordo com Vigotski (2007, p. 56), o gesto de apontar, inicialmente, “não é nada mais do que uma tentativa sem sucesso de pegar alguma coisa, um movimento dirigido para um certo objeto, que desencadeia a atividade de aproximação”. Desse modo, o ato de esticar o dedo, na concepção vigotskiana, é um movimento pelo qual a criança “tenta pegar um objeto colocado além do seu alcance; suas mãos, esticadas em direção àquele objeto, permanecem paradas no ar” (*idem*, p. 56). Essa tentativa de aproximação do objeto vai ser modificada qualitativamente pela presença do adulto. Vigotski prossegue em seu estudo dizendo que, quando a mãe ou substituta vem de encontro à criança e nota

que o seu movimento indica alguma coisa, ela dá um significado para aquilo que está sendo apontado pela criança que, assim, adquire uma intenção comunicativa. Para esse autor,

Neste momento, ocorre uma mudança naquela função do movimento: de um movimento orientado pelo objeto, torna-se um movimento dirigido para outra pessoa, um meio de estabelecer relações. O movimento de pegar transforma-se no ato de apontar. De fato, ele só se torna um gesto verdadeiro após manifestar objetivamente para os outros todas as funções do apontar, e ser entendido também pelos outros como tal gesto (*ibidem*, p. 57).

Assim, o gesto de apontar utilizado por todas as crianças no período que antecede a fala possibilita a compreensão de como se processa esse modo de comunicação na criança surda. No início, tanto para a criança surda quanto para a ouvinte, o gesto de apontar tem um significado de aproximação e gradativamente ganha significado. No caso da criança ouvinte, o gesto de apontar é substituído pela palavra em um período relativamente curto. Entretanto, a criança surda, que não tem nem a língua oral e nem a Língua de Sinais, faz uso do gesto de apontar por um tempo mais prolongado. Comunica, desse modo, seus desejos e necessidades, ou chora e faz birra por falta de um sinal ou palavra que as faça serem compreendidas pelo outro.

No caso de nosso bebê, durante o período em que estivemos juntos, ele ainda não utilizava sinais de sua língua materna para se comunicar o que justifica a utilização do gesto de apontar. Apontava para sua mãe, quando queria ir para seu colo. Apontava em direção ao brinquedo que desejava no momento em que o via longe de seu alcance. Apontava em direção à porta da sala de aula quando queria interromper o atendimento e sair dali. Geralmente ele estava com fome porque o atendimento sempre terminava em um horário próximo ao de sua refeição, oferecida em um espaço fora da sala de aula. Se em algum momento apontava e não era compreendido começava a chorar, como todas as outras crianças pequenas quando estão em uma situação semelhante.

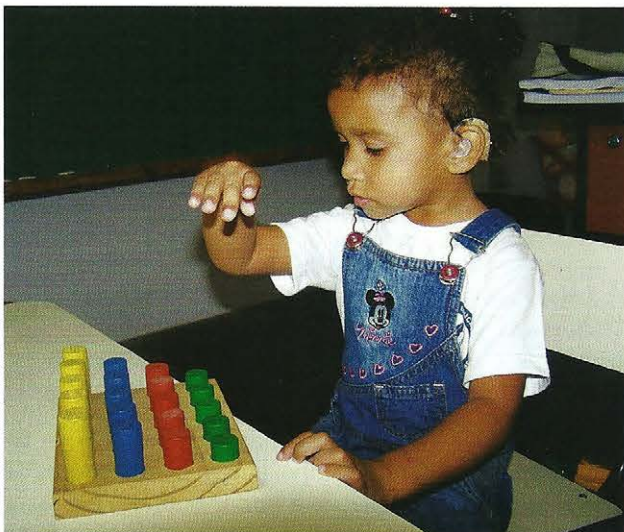
## A LÍNGUA DE SINAIS E O CONCEITO DO “NÃO”

Um outro modo de comunicação muito comum para essa fase é a negação. Por volta de 6 meses de idade, esse bebê começou a chorar diante de expressões faciais de negação. Com o tempo, por volta de 9 meses de idade, nosso bebê começou a imitar o adulto e a fazer o mesmo movimento de cabeça de negação, quando na presença desse indicador. No entanto, existe um fato

que passa despercebido pelo adulto porque de início o bebê apenas está imitando. Como o adulto acha “engraçadinho”, isso se repete e se torna um jogo. No entanto, para que a criança possa compreender esse conceito, é necessário que o “não” seja utilizado em um contexto real. O “não” é uma palavra que somente deveria ser dita e reforçada quando existisse uma intenção e fato que realmente exigisse tal palavra e ação; caso contrário corre o risco de ser incompreendida pela criança e virar uma grande brincadeira. Isso serve tanto para a criança surda quanto para a ouvinte. E o adulto passa a afirmar, de maneira equivocada que ele não me obedece porque é surdo.

Esse bebê balançava a cabeça, de início, para imitar e depois passou a fazer “birra” e a bater no adulto, quando contrariado. Ele sabia que não teria aquilo que queria porque todo o corpo de seus pais, quando lhe comunicavam a negação, expressava esse conceito. Assim, além do movimento de cabeça, a expressão facial com um semblante fechado acompanhavam o dedo indicador, marcando essa intenção. Por volta de 1 ano e 2 meses de idade, observamos que a criança utilizava o “não” dentro de contextos reais e com intenção apropriada. Nesse período ele balançava a cabeça em sinal de negação. Quando não queria comer. Quando não queria a aproximação de alguma pessoa ou ser tirado do colo de sua mãe ou de uma das avós, que lhe acompanhavam nos atendimentos, na ausência da mãe.

Para Spitz (2004, p. 189), o “não” é o terceiro organizador psíquico. Esse autor considera o sorriso como o primeiro organizador e o *estranhamento* ou *ansiedade do 8º mês* como o segundo organizador. Assim, o terceiro organizador psíquico é considerado por ele, talvez, o



Vitoria, 2 anos e 4 meses – cores.



Julia, 1 ano e 8 meses – atividade com Glauber, assistente educacional em Libras.

primeiro conceito abstrato formado na mente da criança. Spitz continua dizendo que “não é simplesmente um traço de memória onde a criança associou o gesto e o meneio de cabeça da mãe, mas, sim, uma evidência de que a criança é capaz de apreender seu significado”. O autor conclui que “o estudo cuidadoso das circunstâncias que levam a criança ao domínio do gesto de meneio negativo da cabeça revela que é o resultado de um complexo processo dinâmico”. O bebê desse exemplo já se encontrava nesse grau de complexidade da língua.

Ao final do período em que estivemos juntos, com 1 ano e 4 meses de idade, passou a utilizar algumas *configurações de mãos* que representam a unidade fonológica mínima da Língua de Sinais e que equivalem a palavra (palavra-frase, da criança ouvinte com essa idade). Desse modo, utilizava as mãos para chamar as pessoas (elevando os dois braços na altura de sua barriga e abrindo as mãos, com as palmas para cima, em um movimento rápido) ou para mandá-las sair (balançando uma das mãos, com a palma para baixo e balançando-a para frente e para trás); dava *tchau* quando ia embora ou quando, estando no colo de uma pessoa, não queria que outra se aproximasse. Jogava beijinhos (elevando as mãos até os lábios sem fazer barulho). Inicialmente como um movimento imitativo e depois espontaneamente, mas sempre em um contexto real. Havia adquirido seu conceito. É importante ressaltar que existem alguns sinais universais, portanto, utilizados por surdos e ouvintes.

Esse bebê, naquela época com 1 ano e 4 meses, demonstrava compreender vários sinais pertencentes à Língua Brasileira de Sinais. No entanto, não os reproduzia por encontrar-se, ainda, em uma fase anterior do desenvolvimento. Assim, ele procurava sua mãe ou suas avós com os olhos ou engatinhando em



direção a elas. Também o fazia em relação a alguns objetos da sala de aula, tais como uma bola, um carrinho, uma boneca ou algo com o qual estava brincando mas que, por algum motivo, havia saído de seu campo visual. Utilizávamos, então, os sinais correspondentes aos objetos ou os sinais de *esconder* ou *desaparecer*. Ou, ainda, fazendo com o corpo, junto com a expressão facial, um conjunto de marcadores que significava a interrogação “Cadê?”, muito usada nas brincadeiras com essa faixa etária.

Desse modo, compreendemos que aquela criança surda estava tendo a possibilidade de passar pelos mesmos processos do desenvolvimento linguístico da criança ouvinte por ter sido exposta à sua língua materna, desfrutando, assim, da possibilidade de utilizar os elementos que a compõem, considerando-se cada fase desse processo. Com aquela idade, ainda, não tinha o domínio motor para se utilizar dos recursos corporais nas configurações de mãos nem das expressões faciais mais complexas. Assim como uma criança ouvinte naquela faixa etária, provavelmente, não estaria emitindo palavras da Língua Portuguesa, por exemplo, porque não havia adquirido as habilidades motoras necessárias para a fala nem alguns recursos cognitivos que atuam nessa construção. No entanto, essa criança estava vivenciando a fase da compreensão da língua. Suas expressões se faziam pelo olhar e por todo o corpo, incluindo suas ações. Todavia, seus pais lhe ofereciam o modelo linguístico e a criança tentava fazer alguns gestos pertencentes à Língua de Sinais, por imitação. Como todas as crianças, ela estava naturalmente apreendendo as regras de sua língua materna.

## A PALAVRA-FRASE NA LÍNGUA DE SINAIS

Vigotski (2008, p. 34) cita que Wallon, Koffka, Piaget, Delacroix e muitos outros, estudando o desenvolvimento de crianças ouvintes, e K. Buehler, em seu estudo sobre crianças surdas, constataram que dois pontos importantes ocorrem na criança antes que ela compreenda o verdadeiro significado da palavra. Primeiro, ela não faz uma relação entre palavra e objeto; de início considera a palavra um atributo ou propriedade do objeto e primeiro “apreende a estrutura externa objeto-palavra antes que consiga apreender a relação interna entre o signo e o referente”. O segundo ponto faz referência ao fato de que a descoberta da criança sobre o significado ou conceito linguístico passa por “uma série de longas e complexas transformações”.

Essa afirmação pode ser observada quando atendemos uma criança nesse período do desenvolvimento linguístico. A criança desse exemplo iniciou em nosso atendimento com 1 e 8 meses de idade e ficou conosco até 2 anos e 4 meses. Filha de pais surdos e

tendo a Língua de Sinais como referência, demonstrou compreender diferentes situações do cotidiano e estava começando a produzir alguns sinais dentro de um contexto real. De acordo com as pesquisas de Quadros (2006, p. 20), as crianças que estiverem desde cedo interagindo com usuários de Língua de Sinais por volta dos 2 anos de idade já estarão produzindo sinais usando uma quantidade restrita de configurações de mão, bem como simples combinações de sinais que expressem fatos relacionados com o interesse imediato, ou seja, na presença do objeto. E ela estava começando nessa fase.

Quadros afirma que toda criança, seja ela ouvinte ou surda, utiliza-se de uma palavra para nomear, solicitar ou comunicar. Inicialmente, tal palavra é utilizada para satisfazer a uma necessidade ou desejo, pois a criança já tem a representação mental do objeto e pode nomeá-lo quando ausente. No início ainda se refere a algo presente. Em nossos atendimentos observamos que essa criança estava adquirindo alguns conceitos e os produzindo corretamente, considerando-se suas dificuldades de marcação de configuração de mãos e de posição espacial em relação ao ponto do corpo. Portanto, em Libras ela se utilizava da “palavra-frase”, mantendo a mesma lógica de uma criança ouvinte e na mesma faixa etária.

Essa criança utilizava o sinal de neném, indicando que queria brincar com a boneca. Esse sinal é feito com as duas mãos um pouco abaixo do peito. Não tão próximo do corpo. Com as mãos sobrepostas e por fim movimentando o corpo como que estive embalando um bebê. Essa criança, ao indicar que queria a boneca, olhava para ela e apontava em sua direção. Mesmo sabendo o que ela queria, fazíamos o sinal correto. Sem a intenção de corrigi-la, mas de lhe apresentar a palavra em Língua de Sinais. Ela tentava imitar e, assim, trocava o gesto de apontar pelo sinal correspondente. Entretanto, como ainda não tinha o controle de seu corpo, cruzava os dois braços com as mãos coladas em seu corpo, balançando-o em bloco. Sempre que ela queria algum brinquedo apontava para ele. Primeiro fazíamos o sinal para ela e esperávamos que repetisse. Depois, pegávamos o brinquedo entregando para ela, que se abria em um sorriso. Pela faixa etária, seus sinais equiparavam-se à palavra-frase e apresentavam os mesmos “erros fonéticos” que qualquer criança de sua idade ao pronunciar uma palavra. Portanto, seus “erros” em Libras eram perfeitamente naturais de um processo que estava em andamento.

Quanto ao emprego do “não”, ela sabia exatamente quando usá-lo e, além do meneio de negação com o movimento de cabeça, fechava seu semblante e emitia enfaticamente o “não” (a pronúncia nem sempre está correta, mas observamos várias crianças surdas nessa

faixa etária emitindo um som bastante próximo da palavra “não”). Sempre acompanhado de uma expressão facial indicando a intenção de negação, reforçada pelo dedo indicador.

Retornando aos estudos de Vigotski (2008, p. 104), ele afirma que “o desenvolvimento dos conceitos, ou dos significados das palavras pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar”. Isso é um indício de que antes de usar a língua dentro de uma estrutura que contém os elementos gramaticais, sintagmáticos e semânticos com todas suas nuances, a criança passa por um período de várias aprendizagens até chegar ao conceito da palavra ou dos sinais. E essa era a fase do desenvolvimento linguístico em que nossa criança se encontrava. Portanto, estava substituindo o gesto de apontar por sinais, ou palavra-frase, em Libras. Ela se encontrava agora em um período de maior complexidade linguística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um bebê todos falam com ele. Sua escuta não é passiva, pois, em um diálogo próprio de cada fase, interage em seu meio ambiente com o sorriso; o choro e os sons acompanham o ritmo e as nuances das palavras, comunicando emoções, sentimentos, necessidades e desejos. É a prosódia que está presente em qualquer língua. Mais adiante, a *palavra* captura-

da pelo bebê, com um significado já dado pelo outro, torna-se ação e a criança constrói seu próprio discurso. Não como cópia, porém recriado a partir de outros discursos e das imagens percebidas e reelaboradas em seu interior.

Todavia, Balint (*in* LACAN, 1986, p. 263) afirma que “a palavra tem sempre por definição os seus panos de fundo ambíguos, que vão até o momento do inefável em que não pode mais se dizer, se fundar, ela mesma enquanto palavra”. Muitas vezes a família nos diz, até com um certo orgulho, que seu bebê ou sua criança pequena *não dá trabalho; é tão quietinha, ou que fica brincando sozinha, o dia todo*. Nós observamos nessa postura, que, quando após vários apelos, não encontrando eco para ser “ouvida”, a criança se torna “surda-muda”.

A Língua de Sinais precisa ser oferecida o mais cedo possível. Todavia, é necessário compreender que no período que antecede a aquisição de uma língua, principalmente a de sinais, a criança faz uso da linguagem não verbal. Quanto mais ela puder “brincar” com essa língua, mais rápido poderá adquirir seu domínio. Não apenas as filhas de pais surdos, porém todas as crianças surdas que clamam por serem ouvidas em seus apelos. Por isso, acreditamos ser relevante fazermos uma reflexão sobre o tema exposto. Com isso, provavelmente, evitaremos que elas se tornem “mudas”, também, em sua maneira de imaginar e criar. De brincar e sorrir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOYSSON-BARDIES, B. O papel da prosódia na emergência da linguagem como estrutura intencional dentro e a partir de uma estrutura biológica. In: SOULÉ, M.; CYRULNIK, B. *A inteligência anterior à palavra: novos enfoques sobre o bebê*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- BRAZELTON, T. B.; GREENSPAN, S. I. *As necessidades essenciais das crianças: o que toda criança precisa saber para crescer, aprender e se desenvolver*. Trad. Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BUSNEL, M-C. A sensorialidade do feto. In: CORRÊA FILHO, L.; CORRÊA, M. E. G.; FRANÇA, P. S. (Orgs.). *Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: L.G.E., 2002. p. 299-323.
- CATÃO, I. Voz, fala e linguagem: a clínica com os que não falam. In: COHEN, D.; LAZNIK, M. C. (Orgs.). *O bebê e seus interpretes: clínica e pesquisa*. Trad. Erika Parlato-Oliveira et al. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 197-204.
- COSTA, T. *Psicanálise com crianças*. 3. ed. Coleção *Passo-a-passo*; v. 75. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FERNANDES, E. Desenvolvimento do comportamento linguístico da criança. *Revista Saúde, Sexo e Educação*. Rio de Janeiro, IBMR, ano 2, mar/1993. p. 6-15.
- \_\_\_\_\_. Pensamento e linguagem. In: CARNEIRO, M. (Org.). *Pistas e travessias: bases para o estudo da linguagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 63-81.
- FERNANDES, E.; CORREIA, C. M. C. Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. In: FERNANDES, E. (Org.). *Surdez e bilinguismo*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- LACAN, J. (1953-1954). *O seminário*, Livro 1, Os escritos técnicos de Freud. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LAZNIK, M. C. Linguagem e comunicação do bebê de zero aos três meses. In: COHEN, D.; LAZNIK, M. C. (Orgs.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. Tradução: Erika Parlato-Oliveira [et al.]. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 93-100.

MONTAGNER, H. Competência-alicerce do bebê. In: CORRÊA FILHO, L.; CORRÊA, M. E. G.; FRANÇA, P. S. (Orgs.). *Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: L.G.E., 2002. p. 388-399.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. Como falam os bebês? Explorações sobre a fala e o campo da linguagem na clínica de bebês. In: BARBOSA, Denise Carvalho; PARLATO-OLIVEIRA, Erika (Orgs.). *Psicanálise e clínica com bebês: sintoma, tratamento e interdisciplina na primeira infância*. São Paulo: Instituto Langage, 2010. p. 125-136.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

SPITZ, R. A. *O primeiro ano de vida*. Trad. Erothildes Millan Barros da Rocha. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Organização: Michael Cole [et al.]. Trad. José Cipolla Neto [et al.]. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.